

O CINEMATOGRAFO DE JOÃO DO RIO: FOTOGRAMAS DE UMA CIDADE EM MOVIMENTO

Aluno: Luís Ricardo Araujo da Costa
Orientador: Renato Cordeiro Gomes

Introdução

Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa *João do Rio: o artista, o repórter e o artifício – modernidade periférica e representações do Rio de Janeiro*, liderado pelo professor Renato Cordeiro Gomes, do Departamento de Comunicação Social da PUC - Rio. O projeto consiste no resgate e na análise – sob a ótica das representações da cidade do Rio de Janeiro – de textos originais do jornalista e escritor carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto – ou João do Rio (1881-1921).

A crônica urbana, exercício de ler a cidade, é, no Rio de Janeiro da entrada do século XX, instrumento compulsório para essa leitura, ao passo que o efêmero, traço da modernidade que o país via nascer, já não permite, nas letras, divagações longas e debates que se demoram. A afirmação sustenta-se na crônica de João do Rio, que toma do cinematógrafo – a “delícia dos cariocas” [1] naquele começo de século – o nome e a sintaxe narrativa para compor as cenas fragmentadas e fugidias do Rio de Janeiro da virada do século. A coluna semanal de crônicas *Cinematographo*, assinada sob o pseudônimo *Joe*, entre 1907 e 1910, sugere pelo título o recorte que João do Rio dá à representação da cidade. O Rio de Janeiro passa em crônica como em projeção de quadros, que constroem a narrativa da cidade.

Contingente ao tempo, matéria a ler nos bondes, a crônica revela aqui uma vocação documental [2], à medida que lega à História o cotidiano de uma época – o que não entra nos arquivos e nas atas oficiais e esconde na aparente despreensão o espírito de um tempo.

Objetivo

O objetivo foi dar nitidez às imagens, por vezes difusas, que João do Rio capta da *belle époque* carioca, a partir da leitura da coluna semanal de crônicas *Cinematographo*, publicada entre 1907 e 1910. Da metáfora com a máquina, cria-se nas páginas impressas da “Gazeta de Notícias”, à maneira de fitas que passam em projeção, o tecido social urbano carioca dos anos 1900. A cidade revela, nas crônicas, “uma torrente humana – que apenas deixa indicados os gestos e passa leve sem deixar marca” [3]. Dessa espécie de filme em letras impressas – o “cinematographo de letras”, na expressão do próprio João do Rio –, que fixa no papel a cidade passante, a pesquisa sustenta a hipótese de que João do Rio amadurece uma visão sobre a República e já aponta para as contradições da modernidade nos trópicos.

Metodologia

Esta pesquisa concentrou-se na coluna de crônicas dominical *Cinematographo*, assinada sob o pseudônimo *Joe*, e publicada pelo jornal carioca “Gazeta de Notícias” entre 11 de agosto de 1907 e 10 de outubro de 1910. O levantamento feito até aqui compreende o período entre o início da publicação, em 1907, e a última coluna do mesmo ano, em 29 de dezembro. Foram transcritas 21 edições de *Cinematographo*, compreendendo o total de 95 crônicas. As cópias micro-filmadas foram consultadas a partir do acervo de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional. Feito o levantamento e transcrição dos textos, bem como o seu fichamento, serviu-se a pesquisa do instrumental teórico sugerido pelo orientador, além daquele descoberto ao longo do trabalho, para fundamentar o estudo crítico. O material

compreende desde textos clássicos sobre o período, como “O Rio de Janeiro do meu tempo”, de Luiz Edmundo, a ensaios contemporâneos, a exemplo de “A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio”, de Nicolau Sevcenko, além da bibliografia sobre o autor. Note-se que o referencial teórico pautou-se por uma perspectiva multidisciplinar. Sem que se perdesse uma linha condutora, o trabalho procura conjugar campos que dialogam no âmbito dos estudos referentes à modernidade. A análise do homem moderno, a revolução de costumes e práticas sociais, o panorama cultural carioca, a vida cotidiana que se transformava são temáticas recorrentes no *Cinematographo* da “Gazeta de Notícias”, em que se observam também a evolução da técnica jornalística e o seu diálogo com a literatura, além do estabelecimento da crônica como documento histórico em fronteira com o ficcional. A pesquisa procura articular estes eixos de análise dentro da hipótese proposta.

Conclusões

Desta investigação resultou, portanto, um ensaio que articula os seus resultados, que podem ser sintetizados. A coluna serve de documento histórico da *belle époque* carioca e põe em análise as posições que João do Rio adota ao tratar dos aspectos de cidade moderna que a capital adquiria naquele começo de século. Por não ter assumido, ao contato com as novas bossas da cidade, nem o encanto do poeta Olavo Bilac nem a denúncia de Lima Barreto, as crônicas de *Cinematographo* tornam precipitada qualquer rigidez conceitual. A pesquisa procura entendê-la na relação sempre fronteira que parece exercer entre um entusiasmo por um progresso material, posto em prática com a República, e uma descrença nos seus tipos humanos e relações sociais, a quem a coluna dedica largo espaço e sobre quem recai a franca ironia de João do Rio. A hipótese, sustentada pela leitura das crônicas, define-se na contradição que o autor surpreende entre a República e seu tecido social. À primeira ele dedica uma reverência eloquente, enquanto, no segundo, encontra vestígios de um passado colonial resistente. O Rio de Janeiro, da triunfante Avenida Central, palco maior da elegância moderna, que importava de Paris máquinas e gestos, dormia ainda um “sono colonial”, para usar expressão de Paulo Prado [4]. Consolidada politicamente a República, e eleita a Capital Federal como a vitrine do regime político, o país apresentava ao mundo e a si próprio a sua maturidade urbanística – alicerçada no “bota-abixo” do prefeito Pereira Passos, que recria a paisagem urbana da parte central da cidade – e as maravilhas da técnica, que imprimiam àquele cenário a marca do novo e do cosmopolita. A seu lado, João do Rio entrevê, na sensibilidade do cronista que do trivial percebe as idiosincrasias de uma época, um país ainda atrelado a um passado de colônia.

Referências

- 1 – BILAC, Olavo. Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 03 nov. 1907, n° 307.
- 2 – Para estudo sobre articulação entre ficção e História na crônica carioca do começo do século XX, ver: NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. 551p.
- 3 – RIO, João do. **Cinematographo: crônicas cariocas**. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909, p. VI.
- 4 – PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Duprat-Mayença, 1928, p. 214.